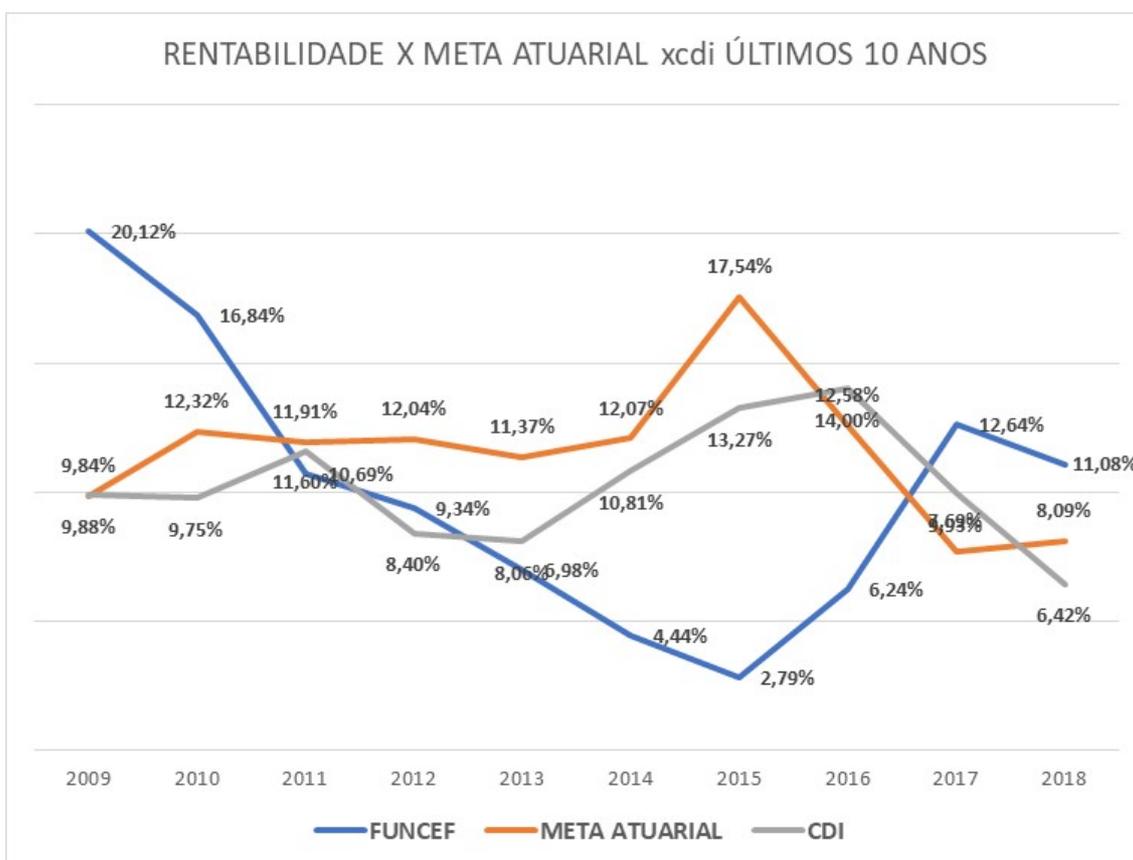


Balanço Funcef 2018 mostra rentabilidade global maior que a meta atuarial definida

Comparando a rentabilidade dos planos individualmente, o melhor resultado ficou com Reg/Replan saldado, com 11,48%. Estudo encomendado pela Anberr ao consultor financeiro Marco Martins traz ainda detalhes do desempenho de outros ativos dos planos previdenciários da Funcef.



Quadro comparativo de rentabilidade x meta atuarial x CDI dos últimos 10 anos. Fonte: Funcef

A Fundação dos Economiários Federais (Funcef) encerrou o ano de 2018 com uma rentabilidade global de 11,08%, superando a meta atuarial que foi de 8,09% e a meta da política de investimentos, que foi de 9,09%. Comparativamente ao ano de 2017, o resultado foi ligeiramente inferior, uma vez que a rentabilidade naquele período foi de 12,64%, diante de uma meta atuarial de 7,69%.

Os dados constam de um parecer técnico encarregado pela Anberr ao consultor financeiro Marco Martins, com o objetivo de analisar o desempenho dos ativos dos planos previdenciários da Funcef no ano de 2018 em

comparação a 2017, e a relação entre rentabilidade e meta atuarial da entidade nos últimos 10 anos.

A Funcef administra três planos de benefícios inscritos no Cadastro Nacional de Planos de Benefícios (CNPB): Reg/Replan, Novo Plano e REB. Quando comparada, individualmente, a rentabilidade desses planos com a meta atuarial definida para 2018 (8,09%), verificou-se, segundo a análise do consultor Marco Martins, um equilíbrio entre eles, com o melhor resultado ficando com Reg/Replan Saldado, com 11,48%, e o mais fraco com o Novo Plano, com 10,15%. O Reg/Replan Não Saldado registrou 10,87%, e o REB ficou em 10,81%, fruto das diferenças da composição da carteira de investimentos de cada plano.

RENTABILIDADE X META ATUARIAL 2018	
REG/REPLAN SALDADO	11,48%
REG/REPLAN NÃO SALDADO	10,87%
NOVO PLANO	10,16%
REB	10,81%
META ATUARIAL	8,09%

Fonte: RAI FUNCEF

Rentabilidade por segmento

"Ao se analisar a rentabilidade por segmento, é possível concluir que a rentabilidade esteve relativamente em linha aos respectivos referenciais de mercado", afirmou o professor-doutor Marco Martins, em seu parecer.

Para Martins, em um ano em que o mercado financeiro foi marcado por muita volatilidade e incerteza, associado à difícil retomada do crescimento da economia brasileira, sobretudo pela pressão sobre as contas públicas, somando-se, ainda, as incertezas ao longo do processo eleitoral, era de se esperar o desempenho alcançado.

RENTABILIDADE 2018 POR SEGMENTO	
RENDA FIXA	10,13%
RENDA VARIÁVEL	12,96%
INVESTIMENTOS ESTRUTURADOS	18,00%
INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS	9,99%
OPERAÇÕES COM PARTICIPANTES	13,07%
OUTROS INVESTIMENTOS	10,50%
META ATUARIAL	8,09%
META POLÍTICA DE INVESTIMENTOS	9,09%
IPCA-IBGE	3,75%
CDI	6,42%
IBOVESPA	15,03%
IMA-B	13,06%

Fonte: RAI FUNCEF

Dentro desse quadro, a inflação de 2018, medida pelo IPCA-IBGE foi de 3,75%, já o CDI, principal referencial dos produtos de renda fixa, foi de 6,42%. O índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa), por sua vez, encerrou o ano com um ganho de 15,03%, e o IMA-B – referencial de mercado para os títulos públicos federais indexados ao IPCA –, apresentou uma valorização de 13,06%, como se verifica no quadro acima.

No segmento de renda variável, a rentabilidade da Funcef foi de 12,96%, inferior ao comportamento do Ibovespa, que atingiu 15,03% no ano, fato que pode ser justificado pela diferença de composição entre a carteira do Ibovespa e da Funcef.

"Em um cenário de economia instável e com o histórico do Brasil, é positivo manter a maior parte do patrimônio em renda fixa. Em economias mais estabilizadas, as taxas de juros são menores e a alocação está concentrada em renda variável", avalia Martins.

O segmento imobiliário e de outros investimentos encerrou o ano de 2018 apurando um ganho de 9,99% e 10,50%, respectivamente, superando a meta atuarial e a meta da política de investimentos, "sem que se consiga verificar claramente qual o referencial destes investimentos, a rentabilidade e o risco de cada um", aponta Martins.

Fundos de investimentos

O consultor chama a atenção para os investimentos estruturados que tiveram um ganho acumulado no ano de 18%. Neles estão: Fundos de Investimentos em Participações (FIP), Fundos Multimercados, Fundo de Ações em empresas emergentes, etc. No entanto, "a alocação no segmento estruturado, que responde por uma parcela que varia entre 2% a 3% da carteira da Funcef, especificamente em relação à aplicação nos FIPs, não lograram êxito na sua grande maioria, sendo responsáveis por substanciais perdas", afirma Marco

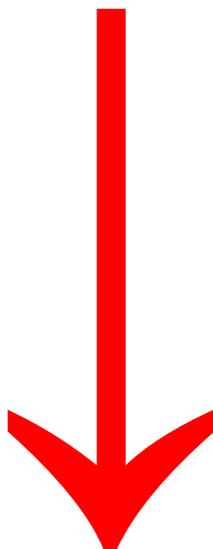
Martins. No Consolidado Estatístico da Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar (Abrapp), a alocação em ativos estruturados está na casa dos 1,5%.

"É possível concluir que, embora a parcela de exposição ao risco seja relativamente pequena, os níveis de risco assumidos são relativamente elevados, afetando muito os resultados. Assim sendo, o nível de exposição ao risco deveria ser dimensionado de forma mais eficiente, visando agregar retorno na proporção do risco", conclui Marco Martins.

O estudo baseou-se em dados de demonstrativos financeiros e pareceres divulgados pela entidade em seu site (<https://www.funcef.com.br/sobre-a-funcef/balancos/balanco-anual-2018.htm>).

Assessoria de Comunicação Anberr

- A ANBERR analisará em breve os resultados da Funcef no primeiro trimestre de 2019.



Leia a íntegra do parecer técnico abaixo da página, onde está escrito:

“Clique aqui para acessar material adicional”